

Confiança na Anestesiologia Portuguesa

Confidence in Portuguese Anesthesiology

<https://dx.doi.org/10.25751/rspa.18599>

Estimados Colegas,

A Anestesiologia portuguesa vive num panorama difícil em que enfrenta vários desafios.

As necessidades crescentes de cuidados de saúde de uma população envelhecida, com uma baixa esperança média de vida saudável, o alargar de competências dos anestesiológicos, a escassez de recursos humanos e a má gestão, fazem com que a Anestesiologia seja discutida pelas piores razões.

A fuga de talentos para o sector privado ou países financeiramente mais apetecíveis está a fazer envelhecer os quadros médicos do Serviço Nacional de Saúde de forma preocupante particularmente nalgumas regiões do país.



Uma nota de otimismo, a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia tem vindo a aumentar o número de sócios principalmente à custa de colegas mais novos. Entram na Sociedade enquanto internos e permanecem depois. É muito positivo, este interesse pelas atividades que desenvolvemos, esta vontade associativa de refletir em conjunto, de organizar e frequentar os nossos cursos, de participar no Congresso, nas Tertúlias, a disponibilidade com que o fazem e o excelente trabalho que produzem que culminou no 1º ENIA e 1ª Caminhada Comemorativa do Dia Mundial da Anestesiologia de 2018.

Este ano o Serviço Nacional de Saúde faz 40 anos, aniversário que está a ser festejado com dignidade. Recordam-se os precursores, os pais, as figuras que o prestigiaram, presta-se homenagem a todos, e fala-se de como conseguir preservá-lo. É reconhecida a qualidade alcançada e as ameaças atuais.

Também na Anestesiologia homenageamos figuras que no país se destacaram e tiveram papel importante no desenvolvimento da especialidade em vários locais. Quando recordamos e homenageamos colegas que pelo seu trajeto de vida prestigiaram a Anestesiologia portuguesa é esta que sai engrandecida, somos todos nós.

Espero que as novas gerações mas também nós, os menos jovens consigamos ir buscar inspiração a estas figuras que no seu tempo souberam ser arrojadas, encontrando soluções inovadoras que permitiram criar os alicerces da Moderna Anestesiologia Portuguesa.

Otimista e perseverante confio que os Anestesiológicos Portugueses conseguirão reinventar-se, otimizar os recursos existentes e aumentar as capacidades formativas mantendo os níveis de excelência.

Com grande maturidade os órgãos representativos dos Anestesiológicos portugueses terão que unir esforços e sinergicamente encontrar formas de alcançar estes objetivos.



No Congresso deste ano, em março foram homenageados três colegas que se distinguiram e marcaram a diferença: António Lopes Craveiro, António Pinheiro de Almeida e Fernanda Nunes.

Escrevo aqui o que na altura afirmei sobre o Dr. Craveiro pois oportunamente serão publicados os artigos de Lucindo Ormonde e Pedro Amorim que se associaram a estas homenagens e privaram mais de perto com o Prof. Pinheiro de Almeida que recorro pelo seu perfeccionismo e crítica acutilante nos cursos da Fundação Europeia de Ensino de Anestesiologia e a Dra. Fernanda Nunes, uma referência na Neuroanestesiologia nacional quando iniciei a minha carreira nessa área.

Fernando Pessoa escreveu: *"A história de um homem mede-se pelo seu contributo para as gerações futuras"*.

António Craveiro dignificou a Anestesiologia coimbrã e nacional. Natural da Guarda viveu em Coimbra desde os tempos de estudante, e licenciou-se em Medicina em 1964. Desde então exerceu a sua atividade profissional nos Hospitais da Universidade de Coimbra, com um curto interregno durante o serviço militar em África.

Inicialmente ligado à Medicina Interna a guerra do ultramar fez com que abraçasse a Anestesia onde desde 1977 esteve ligado à gestão do Bloco Operatório como membro da primeira "Comissão para o estudo e estruturação dos Blocos Operatórios".

Entre 1982 e 1985 foi adjunto da Direção Clínica no Conselho de Gerência dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), com o pelouro do bloco operatório e a partir de 1987 passou a ser diretor do bloco. Assim, dirigiu o bloco operatório central dos HUC durante 23 anos, desde 1982 até 2005, altura em que se reformou.

Com ele iniciou-se a intervenção da Anestesiologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) na gestão do bloco operatório.

A partir de 1997 foi também o diretor de serviço de Anestesiologia num mandato que representou um período de grande estabilidade, progresso e pacificação, pois criou excelente ambiente de trabalho e bom clima para a formação de internos que ele acolhia com a sua exigente bonomia.

Nos oito anos da sua direção ampliou a divulgação da especialidade, com base nos princípios e valores da Anestesiologia moderna, reforçou as bases fundamentais da sua evolução: aprofundando e diversificando o trabalho assistencial, a requalificação dos Anestesistas, a investigação e a comunicação científica.

Em 1997 é aberta a Consulta de Anestesiologia, em 1998 é iniciada a Analgesia de Trabalho de Parto de forma regular e é estruturada a Anestesia fora do Bloco com um responsável por esta área além de se abrirem mais camas de Cuidados Pós Anestésicos.

É reorganizada toda a anestesia da área de Celas com os blocos operatórios periféricos de várias especialidades cirúrgicas e em 2004 é criada a Unidade de Dor Aguda.

É também incrementado o componente científico e formativo com a organização de Palestras, Fóruns e Cursos de reconhecido prestígio.

EDITORIAL

A generalidade dos eventos científicos nacionais conta também com a presença de Anestésistas dos Hospitais da Universidade de Coimbra em palestras e conferências e os seus internos são reconhecidos com prémios ou menções honrosas das Sociedades Científicas. Com ele o serviço organiza os *Tempos do Interno*, os cursos de Anestesia Locorregional, o *Congresso Anestesia 2000*, as *Conversas ao café* e o *Forum Dor e Cidadania*. Todo o serviço era mobilizado.

A formação científica em particular a dos internos era uma prioridade, e em 2003 o exame do diploma europeu, foi introduzido no serviço sendo o ITA pago a todos os internos do 2º e 3º ano.

Os jantares de Natal e as sardinhas no feriado da cidade eram concorridos com participação de todos desde o interno recém-chegado até às secretárias do serviço.

Foi visionário. Recordo a sua intervenção no fórum de Dor e Cidadania em 2004, a que presidiu, e em que exortou os anestésistas a tudo fazerem para combater a dor dos doentes, salientando existirem formas cada vez mais eficazes para a mitigar.

Enumerando as unidades disponíveis no seu serviço - Dor Crónica, Dor Aguda e Analgesia de Parto, Lopes Craveiro afirmou: "para prosseguir esta caminhada é necessário criar condições para que todos os pacientes usufruam dos seus benefícios".

Em declarações aos jornalistas no final da sessão, defendeu que o doente terminal "tem o direito a ter uma boa morte, a não ter dores, existindo na medicina meios para combater o sofrimento, sendo as unidades de paliativos um imperativo nacional".

O Dr. Craveiro trabalhou também na Sociedade Portuguesa de Anestesiologia onde Presidiu ao Conselho fiscal entre 1997 e 2004, e foi membro do conselho editorial da revista.

Na Ordem dos Médicos pertenceu ao Conselho Regional do Centro, entre 1996 e 1998, e ao Conselho Nacional de Ética e Deontologia de 1999 a 2001.

De realçar ainda, a marca que deixou nas gerações mais novas, nos internos que com ele conviveram e aprenderam e, que a ele dedicaram palavras amigas de gratidão.

Fazendo minhas as palavras de Carlos Drummond de Andrade: "*Sentimos saudade de certos momentos da nossa vida e de certas pessoas que passaram por ela*".

Pela sua competência, dedicação, profissionalismo e bonomia, merece o nosso reconhecimento, carinho e amizade. Não queremos que o tempo desvaneça a sua memória. Queremos que esta nos continue a inspirar a todos, todos os dias e por isso o homenageamos.

Em abril faleceu outra figura importante da Anestesiologia portuguesa que soube marcar a diferença criando o primeiro serviço de Anestesiologia da zona centro do país, em Viseu em 1971, de acordo com informação do atual diretor de serviço José Pedro Assunção que numa singela homenagem escreveu o que a seguir se transcreve:

"No passado dia 25 de Abril, deixou-nos mais sós a morte do Dr. José Joaquim Madureira Trindade de Oliveira, aos 87 anos de idade.



Mas o Dr. Trindade de Oliveira deixou-nos também a memória de uma ímpar e pioneira dedicação científica, técnica e organizativa à especialidade médica de Anestesiologia e à prática da Anestesia em Portugal.

Construtor do primeiro Serviço da especialidade na Zona Centro, - no Hospital da Misericórdia de Viseu, com um projeto apresentado em 1968, mas só aprovado em 1971, Serviço que dirigiu até à aposentação, em 1999, o seu nome sempre permanecerá ligado à moderna diferenciação, importância e atualização desta valência médica e cirúrgica no nosso país.

Com o voto de guardarmos do Dr. Trindade de Oliveira o documento de um competente e dedicado percurso profissional aliado à sua exemplar presença amiga, humana e cidadã - cúmplice e solidária -, lamentamos profundamente o seu triste, mas inexorável, desaparecimento.

José Pedro Assunção, Diretor de Serviço de Anestesiologia do Hospital de Viseu."

Certa de que estas figuras ímpares da Anestesiologia portuguesa nos inspirarão a fazer das dificuldades atuais oportunidades para evoluir, convido para a 2ª Caminhada Comemorativa do Dia Mundial da Anestesiologia no dia 19 em Coimbra, as Tertúlias de Anestesiologia em São Miguel em Novembro e a 2ª Ecoweek, iniciativas SPA para este ano.

Um Outouno inspirador,



(Rosário Órfão, Presidente da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia)